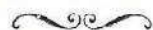


- 17 Por mais chuva ou mais sol, conserva o colorido,
E, embora o frio em torno, esplende em primavera...

Do regato a jorrar não se escuta um gemido...
Nas brisas de perfume o amor jamais se altera...
E nesse abrigo santo, em pétalas tecido,
A doçura vigia em generosa espera...

Remanso de bondade em divino transporte,
Oásis no deserto a sorrir para a morte,
Quem consegue exaltar esse ninho fecundo?...

- 26 Só Deus!... Só Deus, usando a luz da aurora acesa,
Poderá definir a infinita grandeza
Do coração de mãe como a glória do mundo!...



17. Note-se a elipse: "Por mais (que haja) chuva ou sol..."
26. Epizeuxe: "Só Deus!... Só Deus..."

Juvêncio de ARAÚJO FIGUEREDO *



TEMPO

E

MORTE

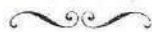
Sim!... Minha alma partira e os Espaços buscara,
Lá onde esplende a Luz em perenal transporte,
E viu que Alguém pintou na imensa tela clara,
Sem pincel e sem tinta, o Amor de norte a norte.

Hoje sei que, na Terra, a quem não se prepara
Na oficina do Bem que instrua e reconforte,
Abre-se a escarpa hostil de nova senda ignara
Em que a Vida ressurge atormentando a Morte.

(*) Grande amigo e discípulo de Cruz e Souza. Membro da Academia Catarinense de Letras e do Centro Catarinense de Letras. A. Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 209) diz que AF foi considerado «príncipe dos poetas catarinenses». Redigiu vários periódicos do seu Estado natal, tendo colaborado no *Diário de Notícias*, na *Cidade do Rio* e em outros órgãos do Rio de Janeiro. Conta Osvaldo F. de Melo. (*Int. Hist. Lit. Cat.*, pág. 119) que Araújo Figueredo, na última década

Foge o Tempo, a sumir sorrateiro e calado...
No ergástulo de carne o Espírito enlanguesce
Entre o sol do Porvir e as brumas do Passado.

A idear no Infinito amplas visões sonoras,
Quisera, transfundindo o coração em prece,
14 Exaltar para o Mundo a grandeza das horas!...



de sua vida, encontrou na filosofia espírita «um porto para seus anseios místicos e um céu para seus voos metafísicos». «Então» — prossegue Osvaldo Melo — «já não se notava o místico torturado de **Sombras Amigas**, mas um poeta cheio de paz, num retorno a emoções naturais, mais extrovertido, como a sepultar, no calor e na luz de seus versos, uma longa fase de angústia filosófica que ele julgava superada.» (Desterro, atual Florianópolis, Santa Catarina, 27 de Setembro de 1865 — Florianópolis, 6 de Abril de 1927.)

BIBLIOGRAFIA: **Madrigais**; **Ascetério**; deixou alguns livros inéditos.

14. Para que se possa observar como se parece o “Amor e Morte” de ontem com o “Tempo e Morte” de hoje, não apenas pelo gosto das maiúsculas e a disposição rimática, mas, sobretudo, pelo tema, veja-se aquele soneto em *Pan.* IV, págs. 85-86.

Augusto Alvaro de CARVALHO ARANHA *



À PROCURA
DA
IDEIA ORIGINAL

O homem demanda, embora surdo e lento,
A verdade que o busca, viva e certa;
Mas dorme na ilusão a que se oferta,
4 No garimpo interior do pensamento.

Iludido, cansado, desatento,
Crendo no acaso, um dia brilha e acerta...
Muda-se então a vida em luz aberta
Pela fulguração de um só momento.

(*) Depois de estudar no Maranhão e em Pernambuco, veio CA a matricular-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, bacharelando-se em 1901. Além de poeta distinto, foi promotor e juiz em algumas cidades do interior paulista. Colaborou em inúmeros órgãos da imprensa de Sergipe, Pernambuco, Rio e S. Paulo. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Sobre ele assim se externou Armindo Guaraná, em seu *Dic. Bio-Bibl. Sergipano*, pág. 41: «Poeta primoroso e fes-